

UMA INICIATIVA DE ALCANCE



EDUARDO LOPES

Decididamente, cabe á capital do Norte, o Porto, a honra das iniciativas felizes para a industria e commercio do film.

A «Invicta Film», a mais bem montada organisação industrial de filmagem, é portuense. Agóra, acabamos de ver nos jornais do Porto, a formação do «Fomento Artístico», destinado á exploração de films. E como vimos na sua Gerencia o nome do Sr. Eduardo Lopes, justo era que a Cine-Lisboa o ouvisse sobre os fins da nova Empresa.

Foi numa mezita do Imperial, onde o nosso entrevistado costuma almoçar, que obtivemos uns momentos de atenção.

Surpreendido com o pedido de uma entrevista, o Sr. Eduardo Lopes fita-nos com o seu olhar claro, onde, por vezes, ha sintilações de aço. Amabilissimo, o nosso entrevistado que é um charmeur, doublé de homem de sociedade e negociante, põe-se á nossa disposição. Pergunte Você, diz-nos.

O Fomento Artístico, a que visa, que vai fazer, com que elementos conta?

— Se eu fosse burocrata, responder-lhe-ia que tanta pergunta era objecto para 4 comissões e sete relatórios: e chegavamos ao fim ficando na mesma. Mas como o não sou, vou tratar responder-lhe o mais concretamente possível.

O Fomento Artístico visa a crear mercados para o film português: e não só crea-los, como desenvolver, ao maximo, os que já ha. De ha muito que venho trabalhando para esse fim. Mas, compreendendo que os esforços pessoais são insufficientes numa obra de sequencia, formei o Fomento Artístico com pessoas Amigas e conhecedoras do commercio do film. De resto, é um axioma economico que

as pequenas organisações tendem a desaparecer. Era necessario crear-se uma entidade com elementos de Capital e de Trabalho que podesse garantir ás Empresas productoras do film a sua colocação e exploração, indo até a orienta-las no que devem produzir.

A industria do film, entre nós, não tem passado de um jogo de azar em que quasi sempre se tem perdido. Fazem empresas (?) e films para satisfazer seja um capricho, seja uma vaidade. E Você sabe bem que isto é assim. Ha uns maganões, lá porque veem os cinémas cheios que julgam que isto de fazer um film é um Eldorado. Consequencia, uma desilusão e uma tremendissima perda. Ora isto não pôde nem deve continuar.

A Industria do film, é como qualquer outra. Necessita de organisação e instalações tecnicas. E a par e passo, uma administração economica, tecnica e artistica que é das mais complexas. Salvo a Invicta Film, do Porto, que a despeito de ainda ter defeitos é a unica organisação como deve ser, tudo o mais que se tem tentado em Portugal *não tem andado*. E se não veja. A «Portugalia», a «Caldevilla» a «Patria» nada deram: a primeira está parada e as outras duas uma liquidou e a outra está em via de liquidação. A «Iberia», fez um film muito razoavel, «Os Lobos», mas ficou-se por ahí. Todas as outras tentativas, ou falharam, ou morreram de inanición.

A empresa que fez a «Sereia» e os «Olhos da Alma», não deve ter tido resultados economicos, mercê do excessivo custo dos seus negativos que não condiz com a sua qualidade. E tudo falta de organisação. Todos desconhecem até o nome de um certo Taylor a quem deviam ter lido e estudado com carinho. Mas não: fazem fitas, que se transformam em fitinhas e acabam em... fitósas. Um outro defeito das nossas Empresas filmicas é o francesismo absoluto. É outro erro e dos mais graves. Tem de arripiar caminho.

Então não gosta dos francezes?

Perdão eu não falei em francezes, falei em francesismo. É uma escola, um metodo, como qualquer outro. Mas não é progressivo. O que para cá tem vindo, excepto *em parte* o Pallu da Invicta, tem feito diabruras tremendas. Muito especialmente no tocante a custo dos trabalhos que dirigem. Você sabe bem que o nosso mercado é restricto. De um film tiram-se 5, maximo 6 copias. Não pode com um grande custo de negativo. E tem-se feito exactamente o contrario. Agrava-se o custo em vez de o diminuir.

Passo á sua segunda pergunta. O que vamos fazer. É simples: apresentar este inverno um programa de 6 ou 7 estreias de films nacionais. Intensificar a exploração nas nossas Colonias, onde já temos Agencias espalhadas e tentar os mercados estrangeiros.

Quanto á sua terceira pergunta. Com que elementos contamos. Em primeiro lugar com a nossa bou vontade: a seguir com a colaboração dos meus Colégas na Gerencia do Fomento Artístico, os Srs.

Armando Ochôa, Oficial da Armada, importante e ilustradíssimo negociante, que em muito nos auxiliou na ida aos Estados Unidos dos primeiros films nacionais, cujo mercado abrimos, e Manuel dos Santos, um excelente rapaz cheio de energia e muito inteligente, que estabeleceu uma boa exploração dos nosos films em Africa e que é um excelente contabilista. E chegamos os três.

E o programa deste inverno, qual é?

Por ora é cêdo: mas já adquirimos 4 films á *Invicta*, já feitos: naturalmente iremos adquirir mais dois que estão, um em via de conclusão, e outro em estudo. Temos a *Morgadinha de Valflôr* que deve ser exibida ainda este ano, e que é um belo trabalho de Ernesto de Albuquerque, em que brilha, como estrela de primeira grandeza a gentilíssima Auzenda de Oliveira. Naturalmente mais dois ou tres films que nos oferecem e cuja aquisição depende da minha ida ao Porto para os ver. Tudo films portuguezes e interpretados por portuguezes, excepto os papeis feitos por Francine Mussey vinda expressamente de Paris por não haver, na ocasião, artista portuguesa com o tipo e o treino necessarios.

E esses films, em que salão são exibidos, em Lisboa?

Naturalmente, em dois, ou mesmo tres, ao mesmo tempo. Em dois com certeza.

No Porto, no Passos Manuel, contracto já fechado. Mas por ora é cedo para mais detalhes. Bem vê, estamos no inicio da nossa organização...

Uma ultima pergunta: ouvimos dizer que Você iria dirigir artistica e comercialmente uma grande Empresa de film: «é verdade?»

Um sorriso enigmatico e uma resposta diplomatica.

Tudo é possível: para o momento, pouco provavel.

Um agradecimento, que nos não deixou concluir e um grande aperto de mão, leal, viril, á inglaterra.

FRA DIAVOLO

RECLAME

— Adeus primo Zeferino

« Como vaes enxaqueca

— Deixe-me primo Albertino,

« De mal a peor...

— Co'a breca!

— Está prestes a terminar

« Minha vida atribulada

— Sempre na morte a pensar,

« Isso não ha-de ser nada...

— Diz o primo...

— E é verdade,

« A doença é passageira.

— E' bem grave enfermidade.

— Ora a Deus, não diga asneira.

« Mas a doença deixamos

« Que ela nada nos define

« Dê-me o braço primo, vamos

« Entreter-nos para um cine

— De bom grado aceito tal

« Creia que estou radiante

— Vamos até ao CENTRAL.

« Que é um cinema elegante.

— Ou ao CONDES, a meu vêr

« E' um dos mais preferidos

— Não dizes mal, podes crer

« Tem programas escolhidos.

— E após a *matinée*

« Iremos se tu quizeres

« Ao FOZ, cinema que é

« Um dos que tu mais preferes

— Aceito o convite, iremos

« Mas terminada a sessão

« Ao Terrasse correremos

« Que é exelente Salão.

— Todos são bons afinal

« LISBOA tem assistencia,

« CINE-PARIS, IDEAL

« São cines de frequencia.

JOSÉ ALVES.

Como se faz um Film

Trabalhos preliminares

Logo que uma companhia cinematografica se decide a *filmar* um «scenario», um dos trabalhos preliminares consiste em encontrar o local apropriado para a acção desse *film*, levantar acomodações para os artistas e demais pessoal tecnico.

Foi o que aconteceu com a nova produção «Combates de Amor e Progréso». Como a novela de Emerson Hough, descreve a viagem dos pioneiros ou bandeirantes de Westpor Landing, e a sua acção é passada toda ao ar livre,

era logico que precisásse de uma grande variedade de paisagens. Nestas conformidades foram encarregados alguns tecnicos, para faserem investigações panoramicas. Visitando os estados da California, Utah, Nevada, Idaho, Montana, Oregon etc., decidiram-se sobre a novela e *filmaram* uma caçada de bufalos na ilha Antelope, a estrada de rodagem para carro de bois dos estados de Nevada e Sul de Utah, a travessia do Rio Kaw na fazenda Meek, e a mineração nas montanhas da California.

Ao mesmo tempo que eram tiradas estas vistas, preparava-se a continuidade das scenas a serem *filmadas*.